

COMPLICADA OU PERFEITINHA? UM DEBATE SOBRE A CONTEMPORANEIDADE DA OBRA “*MULHERES PERFEITAS*” SOB A LUZ DO MARIANISMO

Bruno Robson de Barros Carvalho – Aluno de Psicologia – Favip-PE¹

Juliana Barbosa Lins de Almeida – Orientadora/Professora – Favip-PE²

Liza Minelle Souza Nascimento – Aluna de Psicologia – Favip-PE³

Resumo

É um fenômeno comum em nossa sociedade o fato de naturalizarmos o que é socialmente construído. Esta premissa se faz presente nas relações humanas, no cotidiano e também no campo científico, sendo assim, mostrou-se presente no pensamento, na construção e nas vivências de gênero. Em vista disso o presente trabalho visa discutir a existência de um modelo de gênero sobre o que é “ser mulher” em nossa sociedade, tendo o filme “Mulheres Perfeitas” como objeto de debate. A discussão terá como ponto de partida uma análise sobre as expectativas de gênero experienciadas em nossa sociedade, visando ponderar sobre a idéia da existência de um modelo de mulher perfeita passível de generalização. Serão questionados os modelos com cunho essencialista que colocam atributos humanos como da ordem do natural, assim como, a maneira como foi construído o modelo ideal de ser-mulher, ou seja, aquela que se encaixa no modelo de Maria ou Marianismo. Tal modelo se caracteriza pela mulher que se abstém de sua vida, de seu desejo, de seu gozo para ser a esposa, a mãe, a mulher socialmente aceita. Embora se pense que esta realidade esteja ultrapassada ou distante, ela se faz presente em nossa sociedade e por essa razão, se faz necessário olhar para este fenômeno. Para tanto, foi escolhida uma cena específica do filme que servirá de base, associando-a a idéias acerca do modelo tido como natural do ser mulher, isso ainda nos dias de hoje, e sua ligação com o Marianismo, como também, as teorias que ao longo da história corroboraram a subordinação das mulheres aos homens.

Palavras-chave: Gênero; modelo de Maria; construção social

¹ b.r.b.c@hotmail.com

² juliana.psocal@gmail.com

³ Liza_cte@yahoo.com.br

1. Mulheres Perfeitas: Uma introdução à cena

O filme “Mulheres Perfeitas”, do ano de 2004, retrata a vida em Stepford, uma pequena cidade norte-americana - lugar este que transmite a “estranha” sensação de vida perfeita - as casas são automatizadas, não existe pobreza e aparentemente nenhum outro tipo de transtorno. E mais: todas as mulheres da cidade se dedicam excessivamente a cuidar da casa, filhos e maridos, numa representação prototípica de mulheres e esposas perfeitas. No entanto, uma mulher decide dissidir a esta ordem e é justamente ela quem vai dar voz a esta discussão.

A personagem em questão chama-se Joanna e é interpretada pela atriz australiana Nicole Kidman. Após ser demitida, é levada por seu marido, Walter, para Stepford. Contudo, não considera normal a vida no lugar, uma vez que as mulheres são submissas, estão sempre dispostas ao sexo, sempre bonitas, além disso, sempre colocam o marido em primeiro plano e demonstram ser felizes com tal realidade. Cabe então o questionamento: Seria esta uma vida perfeita? Dedicar-se aos maridos torna a mulher perfeita? Perguntas como essas parecem circundar o universo das questões de gênero no que tange às questões das relações amorosas heterossexuais. No entanto, apesar deste ser um debate secular, algumas questões ainda permanecem sem respostas, tais como: seria realmente natural à mulher ser mãe? Seria ser cuidadosa e frágil? Existiria algo inato a todas as mulheres? O mesmo quanto aos homens, será que eles sempre têm de ser fortes e provedores? Àqueles que não demonstram afetos? Teria então o homem algum déficit natural de se relacionar afetivamente?

Neste misto de ficção e contemporaneidade, a obra mulheres perfeitas debate sobre essas questões sobre um prisma metafórico muito pertinente para os dias hoje. A associação às mulheres à esfera privada e aos homens à esfera pública é também retratada na cena escolhida para esse debate. Detalhes da cena a seguir.

Joanna vai até a Associação dos Homens de Stepford (lugar próprio dos homens que se contrapõe ao Centro de Beleza de Stepford, lugar próprio das mulheres), após decidir ir embora da cidade e não encontrar seus filhos. Ela cênscia de que seus filhos estão com seu marido vai procurá-lo. Na Associação encontra todos os homens de Stepford, assim como seu marido. A seguir o diálogo entre Joanna e Walter:

Joanna (entrando na Associação de Homens): “Rapazes?”

Mike: “Bem vinda.”

Joanna é rodeada pelos homens de Stepford.

Joanna: “Cadê os meus filhos?”

Mike: “Estão em segurança.”

Joanna: “Cadê os meus filhos?”

Mike: “Logo irá vê-los.”

Joanna: “Cadê o Walter?”

Surge Walter.

Joanna: “Porque você fez isso?”

Walter: “Desde que agente se conheceu, você me ganha em tudo. Você tem uma educação melhor, é mais forte, mais rápida, dança melhor, joga tênis melhor. Sempre ganhou, pelo menos, seis dígitos mais do que eu jamais pude sonhar. Você é melhor oradora, melhor executiva. Você é melhor até no sexo e não negue.

Joanna: “Eu não ia negar.”

Walter: “E eu não tenho nada?”

Joanna: “Você tem a mim.”

Walter: “Não. Eu sempre tenho que segurar vela. Tenho que dizer para as crianças que você vai chegar tarde de novo. Tenho que dizer para a imprensa que você não tem nada a declarar. Eu tenho que trabalhar para você.”

Joanna: “Não. Comigo.”

Walter: “Sob suas ordens. Todos nós! Casamos com Mulheres Maravilha! Super Mulheres! Rainhas Amazonas! E sabe o que isso nos torna?”

Joanna: “Espertos, afortunados, dignos.”

Walter: “Nós somos covardes. O ar que segura às asas de vocês. Nós somos o apoio de vocês. Nós somos as mulheres.”

Homens de Stepford: “E não gostamos.” “Nenhum pouquinho.” “Somos os homens.”

Joanna: “E a solução de vocês é essa, nos matar:”

Mike: Não, não, nada disso. Nós ajudamos vocês. Aperfeiçoamos vocês.

2. Ser ou não ser, eis a questão: Nascemos mulheres perfeitas ou aprendemos a sê-la?

A idealização do modelo de Maria é pautada na visão que se tem da Virgem Maria, ou seja, uma mulher frágil, piedosa, assexuada e boa mãe. Tais qualificações foram outorgadas às mulheres como da ordem natural, assim, por ser da ordem do natural, todas as mulheres deveriam se encaixar em tal preceito. A partir do diálogo, pode-se conceber que o sucesso das mulheres não era apreciado por seus maridos, ao invés disso, eram preteridas mulheres que fossem donas-de-casa, disponíveis ao sexo e que fossem submissas aos maridos. Essas características exaltadas fazem parte do arquétipo de Maria ou Marianismo. Neste sentido, essa teoria explica que durante séculos, cabia à mulher ser “*mártir que se auto-sacrifica, que é submissa aos homens, e que é uma boa mãe e esposa*” (NEUHOUSER, 1989, op. cit. BALDWIN E SOUZA, 2000, p. 490).

Tal concepção apóia-se fortemente em teorias essencialistas, e como traz Suárez (1995), este pensamento coloca as diferenças de gênero fixadas em um determinismo biológico. Desse modo, existiriam, a priori, atributos próprios de homens e de mulheres. Este ponto de vista serviu para segregar a mulher da vida pública, por serem consideradas fracas e/ou incapazes de realizar as mesmas funções dos homens.

Ainda seguindo tal linha de raciocínio, encontra-se a teoria estruturalista que propõe que “*a subordinação feminina é cultural, mas é universal*” (STREY, 2007, p. 191). A mesma autora coloca ainda, que o estruturalismo funda-se na compreensão que as mulheres são associadas à natureza e o homem a cultura. Desse modo é normal que os homens dominem as mulheres, uma vez que a cultura domina a natureza.

Desde o seu princípio, advindo das lutas feministas, o conceito de gênero veio como forma de dissentir às diferenças entre homens e mulheres postas, prioritariamente na ordem fisiobiológica. Enquanto o sexo, que até então era considerado a máxima para justificar essas diferenças, o conceito de gênero veio a ampliar e evidenciar a construção histórica e social do que seria o referencial fixo e imutável “ser homem” e “ser mulher”. (ALMEIDA, 2007). Ainda segundo Almeida (op. cit.), citando Schraiber e D’Oliveira, (2002), a noção de gênero é usualmente utilizada para se referir às diferenças entre os sexos feminino ou masculino quando na realidade surgiu exatamente para destacar essa distinção. Sendo assim, o sexo indica uma diferença anatômica inscrita no corpo e o gênero indica a construção social, material e simbólica a partir desta diferença.

Assim, o ser mulher assim como o ser homem é construído sócio-historicamente e as questões de gênero não são definidas a priori. Com isso, ressalta-se a diferença entre sexo e gênero. Sexo, como nos diz Strey (2007) fala das capacidades e atributos biológicos dos sujeitos. Enquanto isso, gênero fala de diferenças que são socialmente construídas, ou seja, “*gênero depende de como a sociedade vê a relação que transforma um macho em um homem e uma fêmea em uma mulher*”. (STREY, 2007, p. 183).

Segundo Heleith Saffioti (2004), que estuda a visão feminista e marxista do patriarcado denominada dominação patriarcal, as reflexões de questões de gênero, incluindo a violência contra a mulher, são resultantes da socialização machista. Nas palavras de Saffioti (2004, p. 47), “*o patriarcado não abrange somente a família, mas atravessa a sociedade como um todo*”. A autora vincula ao patriarcado não somente a função de dominação política e ideológica, mas também a um sistema de exploração, inclusive econômica. De acordo com a autora, o patriarcado socializa os homens para dominar e as mulheres para se submeterem a esta dominação (ALMEIDA, 2007).

Sendo assim, as discussões de gênero buscam tematizar os processos culturais envolvidos na construção social do que tem de ser, ou que se quer que sejam, homem e mulher em cada sociedade.

3. Complicadas e perfeitinhas: Discutindo o ser mulher na contemporaneidade

A crença da mulher perfeita enquanto modelo de Maria vem sendo desconstruída tanto no senso-comum como na área acadêmica em decorrência de estudos acerca das discussões de gênero que concebem homem e mulher como construções. O papel da militância feminina para terem seus direitos também foi e ainda é fundamental para tal desconstrução. Dentre os marcos das conquistas femininas pode-se ressaltar o Dia Internacional da Mulher; o direito ao voto; o direito à sua sexualidade (anticoncepcional, uso de preservativo), direito de escolha em relação à maternidade. Entretanto, tem-se que ressaltar que concepções essencialistas ainda estão muito arraigadas em nossa sociedade, por isso, é marcadamente presente a convicção de que homens devem se sobrepor as mulheres.

Situando essas questões ao debate, como afirmar que existe uma natureza inata à mulher e que ela nasce para ser mãe e esposa? Não caberia, em vez disso, dizer que o ser mulher é uma construção cultural colocada ao sujeito desde antes do nascimento? Ao longo da história foi imposto à mulher ser dona-de-casa, assexuada, improdutiva, e tais concepções são tidas até hoje como verdades inquestionáveis. Desse modo seríamos capazes de afirmar, conforme Siqueira (1997) que “*muito do que é considerado biológico ou imutável, na realidade pode decorrer da aprendizagem social pela força da cultura em que o indivíduo está inserido*” (p.72). Ou seja, as verdades universais acerca das relações de gênero foram na realidade, uma construção sócio-histórica e que, o modo como os sujeitos vivem sua feminilidade e masculinidade, são na realidade apreendidas ao longo da vida.

Estudos mais recentes sobre as diferenças entre os gêneros (LIMA, 2002; ANTAS, 2005; ALMEIDA, 2008) sugerem que, em muitos casos, estas diferenças são produzidas pelo meio sócio-cultural no qual estão inseridos os homens e as mulheres. (ALDRIGHI, 2004, apud ALMEIDA, 2007). Isto é, o meio social produz e reforça tais comportamentos e características diferenciadas. Há uma tendência cultural em desde cedo, agrupar meninos e meninas em ambientes diversos, e é dentro dessa tendência que se tornam homens e mulheres. Essa tendência se evidencia nos estudos sobre as diferenças socialmente percebidas entre homens e mulheres que delimitam os atributos de homem e os atributos de mulheres em dois pólos que constituem a definição de um e de outro por oposição (ALMEIDA, 2007). Portanto, ser mulher, em oposição a ser homem, corresponde a um modo de ser sócio histórico e cultural, que envolve questões que ultrapassam explicações de ordem biológica.

Dessa forma, a dicotomia complicada/perfeitinha, compreendida à luz do marianismo, o qual aprisiona mulheres a formas de ser engendradas na cultura patriarcal, não pode ser entendida sem que haja uma reflexão crítica acerca dos modelos sociais que são utilizados como universais. Não existe fórmula para ser mulher, tampouco para ser homem. Existem diferenças inscritas no corpo e existem diferenças culturais que delineiam e que muitas vezes engessam mulheres e homens em concepções que moldam o comportamento. Portanto, o mito da mulher perfeita, da mulher “Maria” precisa ser compreendido através das expectativas de papéis e estereótipos. Em virtude de luta por direitos de igualdade, milhares de mulheres sofrem discriminação, por decidirem ir contra o *status quo*, ultrapassando os limites do socialmente prescrito.

A personagem *Joanna* exemplifica essa dissidência feminina, enquanto mulher bem sucedida e é vitimizada por uma sociedade machista que não concede às mulheres a possibilidade de serem mais do que “Marias”, menos do que perfeitas.

Discussões finais

O filme *Mulheres Perfeitas* mostra que inicialmente o sucesso da mulher causa no homem uma ideação de ameaça e que por esse motivo aceitar-se-ia qualquer tentativa de retorno ao poder,

ou seja, ter uma mulher subjugada ao homem. Entretanto, quando as conquistas femininas são vistas como aquisições de direitos e não como tentativa de tomar o poder, podemos afirmar que o paradigma vigente de gênero sofre uma fissura. Isso levou tanto homens quanto mulheres a experienciarem uma nova forma de conceber a liberdade de gênero, congruente com sua individualidade e de acordo com o que cada um julga certo para si. Decerto que ainda há um longo caminho a seguir.

Podemos então afirmar que não existe um modelo a ser seguido de mulher perfeita ou até mesmo de ser mulher. Ser mulher, assim como ser homem é construído sócio-historicamente. Assim sendo, o que se pode afirmar é que a cultura desempenha um importante papel nessas construções, uma vez que cria e reforça modelos não tão perfeitos, que engessam os indivíduos em papéis e expectativas sociais e nos fazem pensar no quão complicadas ou perfeitinhas podem ser as mulheres (e por que não pensar nos homens?) a cada vez que dicotimizamos questões como esta, ao invés de concebermos que a beleza está justamente na capacidade e, sobretudo, no direito de transitar entre uma e outra (s).

Percebe-se no discurso da personagem “Walter” uma impregnação dessas concepções, pois, não é “natural” uma mulher ser melhor na cama que seu marido, tampouco que ela tenha melhor desempenho na esfera pública. Tanto que no filme, essa “anomalia social” que é a mulher ser mais bem sucedida que o homem serve de motivo suficiente para a implantação de um microchip nas esposas, que as tornarão “normais” novamente.

Embora ficção, o cerne de *Mulheres Perfeitas*, o querer da mudança de Super Mulher para dona-de-casa, é nítido em nossa sociedade. O senso-comum mostra que se pudéssemos, transformaríamos nossas mulheres bem sucedidas em donas-de-casa. Contudo, como na ficção alguns não vêm o ascender feminino como uma ameaça a vida masculina. Walter, apesar de todas as alegações feitas, decide em não “melhorar” sua esposa por compreender que o sucesso dela não é a ameaça cogitada pelos homens.

Referências

ALMEIDA, B. L. Juliana. **Crenças sociais nas diferenças entre homens e mulheres e suas relações com a percepção da violência do homem contra a mulher.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

ALMEIDA, B. L. Juliana. **Encontros e desencontros amorosos: refletindo os papéis de gênero através do sociodrama.** Trabalho de monografia. Federação Brasileira de Psicodrama, Recife, 2008.

ANTAS, C. Kátia. **Visões sociais de homem e de mulher: um estudo do conhecimento social acerca do ser homem e do ser mulher.** Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Psicologia Social) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

BALDWIN, John R.; SOUZA, Eros de. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicologia: Reflexão e crítica.** 2000, n.13, v. 3, p.485-496.

LIMA, D. Ricardo. **Uma visão do homem: Um estudo de gênero e estereótipos.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2002.

MULHERES PERFEITAS. Direção: Frank Oz. Produção: Scott Rudin e De Line Pictures. EUA: 2004.

SAFFIOTI, I. B. Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

SIQUEIRA, M.L.N. **As relações de gênero numa perspectiva psicodramática.** Ações educativas: vivências com psicodrama na prática pedagógica. Escolástica Fornari Puttini e Luzia Mara Silva Lima (Orgs.). São Paulo: Ágora, 1997

STREY, M.N. **Psicologia social contemporânea.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

SUÁREZ, Mireya. **Enfoques feministas e antropologia.** *In:* 1º Encontro nacional de enfoques feministas e as tradições disciplinares nas ciências e na academia: Desafios e perspectivas. Universidade Federal Fluminense, 1994. Niteroi – Rio de Janeiro.